

## POSICIONAMENTO DOS ESTUDANTES DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SERVIÇO SOCIAL

A Universidade é um campo de produção e disputa de conhecimentos e políticas de forma contraditória, sendo expressão do funcionamento da sociedade que está inserida. Não existe Universidade universal, ela sempre expressará o modo de alguém pensar e influenciar a totalidade dos dilemas reais que seu país enfrenta. Em tempos de crise fica claro os polos que querem uma Universidade alienada do seu próprio compromisso e os que querem uma Universidade necessária para o país e o povo que representa, e é aqui que a disputamos.

Por muito a universidade brasileira, em seu passado colonial, foi um campo de reprodução e justificação das elites e de sua cultura aristocrática, que alienava o povo de sua participação na vida social. Com o despertar do século XX novos dilemas se impuseram; a industrialização produtiva e a complexificação social pelas reivindicações de participação política, bem como as lutas por democratização do país em resposta às maneiras com que esse processo era conduzido. A universidade que o país demandava, como formadora de quadros técnicos e políticos capazes de entender e atuar na realização do crescimento autônomo, entrava em choque com a forma elitizada e dependente que era, vinculada aos ditames do desenvolvimento estrangeiro. Na metade do século XX essa disputa dentro da universidade foi resolvida da mesma forma que fora dela: através da repressão pela força reacionária que foi a ditadura civil-militar, perseguindo, criminalizando, dissolvendo e matando as entidades e organizações que lutavam por uma mudança nas raízes da Universidade e da sociedade como um todo.

Ao entrarmos no século XXI, após uma aparente superação das atrocidades cometidas na ditadura civil-militar, mesmo que sem qualquer processo de reparação histórica, o país tinha expectativas e estava disposto em retomar o projeto interrompido de democratizar a Universidade brasileira e colocá-la em contato com a vida daqueles que deveria transformar. Com erros e acertos, de certa forma se expandiu o acesso e reformas institucionais foram feitas, mas não quer dizer que caminhávamos para o objetivo maior. Aprofundada a crise econômica, que agora se apresenta como depressão, a Universidade, assim como toda as instituições que pareciam intocáveis, são atacadas e colocadas à prova até o limite.

Durante a crise econômica, que ainda vivenciamos, as escolhas políticas do estado brasileiro se mostraram novamente favoráveis às elites e em detrimento do povo: com as reformas trabalhista e previdenciária sendo aprovadas, bem como a Emenda Constitucional 95 (EC 95), colocando um teto de gastos à serviços básicos como educação e saúde, a universidade e os trabalhadores já encontravam-se vulneráveis em vários setores da vida. Não bastasse isso, ao final de 2019 se inicia a maior crise sanitária dos últimos cem anos com a pandemia do COVID-19, que escancara da

forma mais aguda possível as limitações e ineficiência das políticas públicas desenhadas até o momento - e a Universidade, é claro, não escapa desse quadro.

Nos encontramos, assim, em um momento decisivo para a política, a pedagogia e a infraestrutura da Universidade. Decisivo para a infraestrutura pois, ao compartmentalizar a universidade e desmembrar a ligação entre as áreas de conhecimento, agravamos a desfuncionalidade e o crescimento desigual dos campos do saber, bem como inviabilizamos o pouco de comunidade universitária que lutávamos para construir. Além de fortalecer o personalismo docente, agraciando recursos anêmicos para seus laboratórios e grupos de pesquisa seletos entre as amizades institucionais e criando parcerias público-privadas. No momento, tais parcerias só abrem caminho para subordinar as pesquisas aos contribuidores empresariais e seus interesses corporativos que dizem somente à tal ou tal empresa, agravando o despreparo dos recursos humanos na qualificação necessária para superar os problemas brasileiros, enclausurando os campos do saber nos limites monetários que podem ser atingidos.

Decisivo para a pedagogia pois já enfrentávamos altos índices de reprovação e evasão estudantil, seja pela limitação da sala de aula, com currículos engessados no tempo incapazes de exercer a função criativa de dominar e ampliar o patrimônio humano do saber e das artes que representam o Brasil, nas suas ciências, nos seus deuses, nos seus amores e nas suas cores. Seja fora da sala de aula com o corte progressivo de bolsas por todos os lados, que estimulavam a convivência entre docentes e discentes em aprofundar temas vitais e dar vida ao ambiente universitário com a liberdade de expressão, que agora só estimula aos pesquisadores e pesquisadoras mais brilhantes o abandono dos estudos para conseguir manter suas contas e necessidades em dia.

Problema pedagógico agravado nesse período com o suposto dilema da forma de ensino não-presencial a ser adotada, tocado com a rapidez que atropela a discussão sem a tolerância devida para contemplar as dúvidas e propostas de todos os setores que compõem a universidade. Do mais imediato aspecto técnico-monetário de prover computadores e internet à todos ao aspecto mais denso e complexo da subjetividade humana, vale lembrar que o ensino se faz com presença: com convívio, com atenção e interação humana que a tecnologia ainda não soube suprir e que a falta de um espaço determinado para o aprendizado acarreta a incapacidade de separá-lo das demais obrigações cotidianas. Além do entendimento de alguns centros da graduação e pós-graduação julgarem que suas realidades não são e podem se descolar da realidade da Universidade como um todo, comprometendo os pilares de Ensino, Pesquisa e Extensão que só dão base para a instituição se estiverem apoiados uns nos outros.

E principalmente decisivo para a política universitária, pois esse é seu problema fundamental. Decisivo em nossos princípios, nessa crise que nos desafia de fato a cumprir com as palavras que

constam nos valores institucionais da Universidade Federal de Santa Catarina, principalmente de democracia, pluralidade, inclusão, planejamento, inovação e transparência. Decisivo em nossa função política de nos vincularmos de fato à sociedade e suas necessidades nesse período tão trágico para que suas aspirações e necessidades sejam reconhecidas dentro de cada sala. Decisivo em nossa defesa pública, com o acoso midiático constante dos grupos catarinenses e "jornalistas" em todas as palavras que se referem à Universidade ao dizerem que estamos paradas e em nada estamos contribuindo para o povo catarinense.

A solução para esses dilemas só pode ser encontrada conjuntamente com toda a comunidade universitária, alicerçada em seus valores e princípios, focada na coesão do Ensino, da Pesquisa e da Extensão e organizada com a representação dos setores docente, discente e técnico-administrativo. De forma conjunta pensando os aspectos objetivos e subjetivos dos discentes, em que as discussões de assistência estudantil (financeira, alimentar, domiciliar, psicológica, entre outras) caminhem junto com as discussões acadêmicas (atividades, aulas, plataformas); assim como dos docentes, seja a capacitação tecnológica e pedagógica para o novo formato como as limitações familiares e psicológicas, compartilhadas pelos estudantes também - filhos e filhas sem creches, familiares em grupo de risco, alterações nas dinâmicas domésticas e de vida mesmo, entre outras. O tamanho da responsabilidade em construir respostas nada simplistas para a complexidade do momento demanda tempo, por isso as discussões discentes tem caminhado no sentido de suspender esse semestre e nos concentrarmos na forma de retomada do próximo de forma consequente e não meramente tapar buracos.

Os números levantados por esta comissão nos preocupam. Antes de tudo, o alcance dos questionários elaborados para este período não se mostrou alto; pelo contrário, o curso com maior índice de respostas no Centro Socioeconômico foi Relações Internacionais, com 60% de respostas do corpo discente, sendo o curso com menos estudantes do centro por ter apenas um turno de aulas. Nos demais cursos já avaliados, as respostas não chegam a 50% das e dos estudantes e mesmo nessa pequena porcentagem avaliada, as condições para qualquer forma de atividade, bem como interesse nas mesmas, também são de baixo alcance. Além disso, destacamos a problemática da elaboração isolada de formulários referentes ao período, dificultando a análise das condições reais da comunidade do centro, bem como a ausência notada em alguns formulários referente às condições de saúde mental dos estudantes, por exemplo; algo que entendemos como central a toda essa conjuntura.

Somando essa dificuldade de construção coletiva está a demanda elaborada pela Câmara de Pós Graduação frente à Reitoria pela autorização do ensino à distância para os programas de pós graduação - que vai contra a portaria de suspensão de qualquer atividade de ensino na universidade. O que essas ações nos transparecem, de fato, é um enviesamento muito problemático por parte do

corpo docente ao julgar que suas realidades não são e podem se descolar da realidade da Universidade como um todo, comprometendo os pilares de Ensino, Pesquisa e Extensão que só dão base para a instituição se estiverem apoiados uns nos outros. De que forma podemos pensar em qualquer atividade remota se sequer conseguimos contato com as e os estudantes para debater essas questões? Isso é simplesmente inadmissível.

Para nós, nenhum estudante deve e vai ficar para trás, e lutaremos terminantemente para cumprir nossa responsabilidade com cada um. Caso as decisões tomadas por esses docentes e administradores, que por várias vezes prejudicaram e desrespeitaram seus estudantes, caminhem no sentido contrário, ficará claro que nenhuma classificação de 6ª melhor Universidade do país e entre as melhores do continente latino-americanos com um repositório institucional dos mais acessados do mundo impediu que falhássemos em nosso papel com as pessoas dentro e fora dessa instituição. Confiamos na capacidade de, nesses tempos extraordinários, criarmos uma resposta a altura, mantendo nossas virtudes e superando nossos vícios.